



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE AUDIOVISUAL

Essa droga de sonho não vai dar em nada

DAFNE ALANA VITALINA GODOY

Campo Grande, MS

JUNHO/2025

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



Essa droga de sonho não vai dar em nada – uma quase Campo Grande

DAFNE ALANA VITALINA GODOY

Relatório apresentado como requisito parcial para
aprovação na disciplina Seminário de Pesquisa e
Audiovisual II do Curso de Audiovisual da
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador: Prof. Dr Júlio Carlos Bezerra

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: “Essa droga de sonho não vai dar em nada - Uma quase Campo Grande”

Acadêmica: Dafne Alana Vitalina Godoy

Orientador: Júlio Carlos Bezerra

Data: 27/06/2025

Banca examinadora:

1. Régis Orlando Rasia.
2. Rodrigo Sombra Sales Campos

Avaliação: (x) Aprovado () Reprovado

Parecer: A banca sublinha a qualidade artística e conceitual da exposição e exige uma revisão rigorosa do relatório apresentado.

Campo Grande, 27 de junho de 2025.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Julio Carlos Bezerra, Professor do Magisterio Superior**, em 28/06/2025, às 15:35, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Rodrigo Sombra Sales, Professor do Magisterio Superior**, em 28/06/2025, às 15:57, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Régis Orlando Rasia, Professor do Magisterio Superior**, em 03/07/2025, às 15:29, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Vitor Tomaz Zan, Professor do Magisterio Superior**, em 07/07/2025, às 09:54, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5687145** e o código CRC **1F25CCD7**.

COLEGIADO DE GRADUAÇÃO EM AUDIOVISUAL (BACHARELADO)

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Referência: Processo nº 23104.015726/2025-41

SEI nº 5687145



AGRADECIMENTOS

Em memória de minha vó Sueli, mãe da minha mãe, pois não há um dia sequer que eu não pense nela.

Agradeço minha mãe Suzana que tem sol em sagitário e lua em leão, que é tão minha mãe que não sei dizer o que é meu e o que é dela. Pelas chuvas que pegamos em uma *Honda Titan* azul e pelas lasanhas que dividimos em um tempo que só nós duas sabemos. E para todas as celebrações que vamos fazer no nosso quintal com nossos bichos nessa casa que é, felizmente, meu lar.

E, para todos os nomes que começam com “S” da minha família.

Na letra “M”, agradeço meu vô Maurício, pai da minha mãe, que é a minha pessoa favorita do mundo e que me deixava pentear o cabelo dele quando eu era criança. Ao meu padrasto, Marcelo, por todas as inúmeras caronas para a faculdade e que é infinitamente melhor do que eu poderia pedir, minha mãe dificilmente erra.

Aos meus amigos Érica Carvalho, João Miguel Ramalho Dionizio, Laura Cristina e Pedro Miyoshi, que aceitaram ser fotografados e que são companhias incríveis. Agradeço a Gabriela Teodoro, Caleb Luís, Heloísa Montai e Eduarda Caroline que me acompanharam intimamente durante nossa primeira graduação.

Ao meu gato primogênito Alecrim Carlos que dividiu minha vida em antes e depois.

À minha psicóloga, senhorita Célia que me ajudou a escutar.

E à Fabiana Silva, futura psicóloga, que me ofereceu palavras imensas de carinho e afeto nesse processo sem eu precisar pedir.

Para todos os professores queridos do curso de audiovisual da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul que mesmo com a escassez de equipamentos e materiais de áudio e vídeo me ensinaram que o cinema brasileiro é, sobretudo, a criatividade da gambiarra. Em especial, Professora Daniela Siqueira; mineira. Professor Júlio Bezerra; carioca. Régis Rasia; gaúcho. Rodrigo Sombra; baiano.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário

79070-900 - Campo Grande (MS)

Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>

<http://www.audiovisual.ufms.br> / audiovisual.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

1. RESUMO:	6
2. APRESENTAÇÃO.....	7
1. Do objeto fotográfico	7
2. Da exposição	12
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3.1 A cidade, o urbano e a Arquitetura.....	16
3.2 Não é exclusivo de Campo Grande, o HU do Rio de Janeiro.....	18
3.3 O plano aberto e as suas possibilidades.....	20
4. DISCUSSÃO ACERCA DOS PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO FOTOGRÁFICO	22
4.1 O Centro de Belas Artes - antes e depois.....	24
4.2 O horto Florestal - uma floresta no meio do centro.....	27
4.3 O cine <i>center</i> - antiga rodoviária	28
4.4 Clube Surian - uma época <i>underground</i>	30
4.5 A conclusão e montagem da exposição	31
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
6. ANEXOS - FOTOS DA EXPOSIÇÃO.....	36
6.1 Flagrante	36
6.2 SLV TOX	37
6.3 Cadê o dinheiro gasto aqui?	38
6.4 Queria te dizer que a luz encontra tudo	39
6.5 Você sabe que a luz e o som encontram todos os lugares?	40



6.6 Teclado abandonado entre entulhos	41
6.7 Entre janelas reais e sonhos grafados, a lenda persiste: o futuro permanece inscrito nas paredes como uma eterna promessa.	42
6.8 Entre janelas reais e sonhos grafados, a lenda persiste: o futuro permanece inscrito nas paredes como uma eterna promessa.	43
6.9 O rastro do trator	44
6.10 Espaço escuro com luz incidental.....	45
6.11 Visão panorâmica externa das ruínas do museu.....	46
6.12 O horizonte distante testemunha ciclos interrompidos, sonhos repetidos, renovações que se esgotam antes de começar. "De novo e de novo", diz a cidade em seu eterno retorno.	47
6.13 Retroescavadeira diante da estrutura semiacabada.....	48
6.14 Escada com vultos borrados em longa exposição	49
6.15 A luz entra em todos os lugares, fabi!	50
6.16 Ela encontra tudo o tempo todo.....	51
7. REFERÊNCIAS	52



1. RESUMO:

“Essa droga de sonho não vai dar em nada – uma quase Campo Grande” é uma exposição fotográfica autoral que tem como mote a obra pública de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, chamada popularmente como “Centro de Belas Artes”. Ao escolher a grande edificação inacabada (abandonada a mais de 30 anos na capital do estado) como assunto fotográfico, as 16 fotos de cunho conceitual buscam refletir sobre a peça arquitetônica e mostrar o significado da não-conclusão do projeto que, até então, prometia uma Campo Grande utópica com mais cultura, arte e educação para a população campo-grandense. Promessas como essa marcam a história da capital e nos fazem especular sobre uma cidade que ainda não foi.

PALAVRAS-CHAVE:

Campo Grande, Centro de Belas Artes, Sonho, Ruína, fotografia conceitual;



2. APRESENTAÇÃO

1. Do objeto fotográfico

Casas entre bananeiras

mulheres entre laranjeiras

pomar amor cantar.

Um homem vai devagar.

Um cachorro vai devagar.

Um burro vai devagar.

Devagar... as janelas olham.

Eta vida besta, meu Deus.

(ANDRADE, Carlos Drummond. Cidadezinha qualquer, 1930)

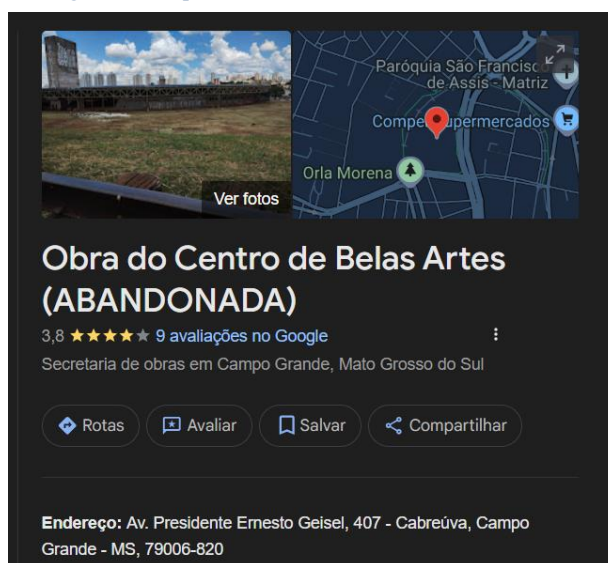
O poema acima retrata uma cidade que parece resistir ao tempo, imóvel, não existe pressa em todos que a habitam, nem mudança nem se quer desejo. Numa rotina típica de uma cidade do interior em que o tempo parece passar em um ritmo diferente, as janelas em personificação¹ são as únicas capazes de observar, como se todos os outros (o homem, o cavalo e o burro) estivessem imersos em um transe de conformidade. Ainda que seja possível a leitura de uma certa paz nessa cidade, afinal, é tudo muito lento, o título do poema “cidadezinha qualquer” é usado de modo pejorativo por Drummond, o que coloca a cidade em um sentido inferior do que espera de um município, indicando que não existe nada de especial nela já que poderia ser qualquer cidade. Ao final do poema, o eu lírico de Carlos também tece um comentário de julgo irônico sobre sua própria descrição do cenário aparentemente rural – “vida besta” – ficando incrédulo no porquê todos caminham sem direção e sem objetivo e novamente, sem desejo. Em 8 linhas, Drummond apresenta um lugar sem nome e que por esse motivo pode

¹ personificação, também chamada de prosopopeia, é uma figura de linguagem que consiste em atribuir características humanas (ações, sentimentos, qualidades) a seres não humanos, como animais, objetos ou fenômenos da natureza.

representar muitos e muitos lugares, destes que recusam a modernidade e a mudança, que parecem negar a evolução das coisas, um limbo que por consequência o eu-lírico tende a lutar contra mesmo que aparentemente também é habitante da cidadezinha.

Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul, assim como o objeto de Drummond, resiste igualmente ao tempo. Conhecida também como “cidade morena”, apesar de ser capital, possui fortemente características interioranas, isto é, que se opõem à modernidade e à mudança; perdida no tempo e em si mesma, é um lugar que não sonha ou, melhor, se sonha, sonha em vão. A síntese desse pensamento de alguma coisa que almeja ser algo e no fim não é muita coisa, tem nome e endereço: Obra do Centro de Belas Artes (abandonada) – Av. Presidente Ernesto Geisel, 407 - Cabreúva, Campo Grande - MS, 79006-820.

Figura 1 – Captura de tela do endereço do Belas Artes



O centro de Belas Artes é famoso entre os campo-grandenses, sobretudo, aquela juventude artística informada sobre a história da cultura e lazer da cidade. A maioria dos estudantes do curso da Faculdade de Artes, Letras e Música da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – FAALC/UFMS conhecem e dependendo do curso, estão até familiarizados com o local, pois com certeza já o visitaram visto que é uma obra pública. “Belas Artes” é um termo popularmente associado as manifestações artísticas vistas como superiores aos olhos da sociedade europeia do século 18, como a pintura, a escultura e as artes plásticas porém, hoje, o Centro de Belas Artes em Campo Grande abriga muita manifestação artística urbana como pichações, grafites em tinta e *spray* presente em quase todas as suas paredes que, ironicamente,

são modos de expressão que caracterizam certa marginalidade e vandalismo. E por esse motivo que se torna um símbolo inédito da cidade morena, merecedor de atenção visual, histórica e até semântica.

Para compreender sua história, a obra nasce em 1991 para ser o novo terminal rodoviário da cidade, com o governo de Pedro Pedrossian no Mato Grosso do Sul (MS), eleito no mesmo ano. Até a saída de Pedrossian, em 1994, a obra já está com os alicerces firmados, porém inacabada, alguns *sites* de notícias dizem que ele chegou a inaugurar o terminal rodoviário Engenheiro Euclides de Oliveira mesmo com ele incompleto. Até meados de 2003, 12 anos depois de seu início era possível ler o letreiro de seu nome na obra (figura 2).

Figura 2 – foto internet



Como é um marco extraoficial na política local, muitos governadores e prefeitos em suas campanhas juraram reativar o local e corrigir essa grande bagunça arquitetônico, com nenhum sucesso na promessa. Como exemplo, são oito mandatos de governadores: Pedro Pedrossian (1991 – 1994), Wilson Barbosa Martins (1995 – 1998), José Orcírio Miranda (o famoso Zeca do PT) (1999 – 2002 e 2003 – 2006), André Puccinelli (2007 – 2010 e 2011 – 2014), Reinaldo Azambuja (2015 – 2022) e Eduardo Riedel (2023 – atual). Igualmente, prefeitos e vereadores perpassam a promessa da obra que sempre, desde sua idealização, foi imaginada para o povo campo-grandense, para movimentar a arte, a cultura e o lazer, o principal prefeito nessa tarefa foi Nelson Trad Filho (2005 –2012) que oficialmente instaurou e apresentou o projeto do “Centro Cultural de Belas Artes”.

Não é difícil acessar a história por trás dos 11 mil e 500 metros quadrados abandonados. Por conta de sua grandiosidade, muitos jornalistas já escreveram sobre o Centro, o primeiro



deles foi Rodrigo Teixeira, conhecido como RodTex, também músico, em uma conversa com ele no *Whatsapp* sobre a obra, ele me conta que só foi o primeiro a escrever sobre o assunto por causa de um furo de reportagem. Em 2007, uma reunião foi marcada pelo Nelson Trad Filho, à respeito da proposta feita para o gabinete pelos ativistas culturais da época, de reservar 1% do orçamento municipal para a cultura, na época, cerca de 6 milhões. Claramente, o pedido foi negado e um novo projeto foi apresentado: O Centro Cultural, que substituiu o projeto feito anteriormente pelo famoso arquiteto Rubens Gil de Camilo, o terminal rodoviário Engenheiro Euclides de Oliveira. Como essa reunião envolvia cerca de 30 pessoas, RodTex sendo uma delas aproveitou o cavalo de troia disfarçado de boa nova para a reportagem (figura 3).

Figura 3 – matéria pioneira sobre a obra publicada por RodTex





Ao final da conversa, ele ressalta sabiamente que, no fim, hoje, não tivemos um (o 1% da cultura) nem outro (o Centro Cultural).

Assim o povo se convence, eu me convenço. De acordo com a matéria pioneira, são 11 mil e 500 metros quadrados apresentados para guardar artes plásticas, dança, teatro, música, uma escola de teatro, salas para oficina, restaurante e área para exposições. Além disso, está listado “uma pinacoteca e alojamentos para 100 pessoas pernovernarem com entrada independente.”, quer dizer, afinal, quem não se convenceria?

A primeira vez que entrei na obra, foi no início de 2024, fiquei chocada. É um lugar enorme, gigante! Ou ao menos, é gigante para Campo Grande, Mato Grosso do Sul, essa minha cidade que consegue unir o rural e o urbano de uma forma espantosa. São metros e larguras de um cimento cinza quilométrico, de escadas construídas que simplesmente não levam à lugar nenhum, é ver o dinheiro público sendo usado como tijolo para construir algo inútil, inacessível e inabitado, uma falta de empatia com a cidade — no mínimo, revoltante; no máximo, ironicamente (ou não), a própria Campo Grande. Andei pela construção como quem anda por um passado pesado, por um museu, daqueles que servem para lembrar os erros e não os repetir, na caminhada, constatei: Isso, dentre tantas coisas, é a cidade morena.

Ao me encontrar com esse movimento cíclico e sem fim do Belas Artes, com as promessas de finalizá-lo sendo feitas e depois refeitas, lembra-se da poesia concreta de Haroldo de Campos² em que ele narra o “nasce morre” (figura 4) das coisas, das pessoas, das casas, e da certeza inconsolável de que tudo que nasce, morre.

Figura 4 – poesia de Haroldo de Campos

Haroldo de Campos — 1958

se
nasce
morre nasce
morre nasce morre
renasce remorre renasce
remorre renasce
remorre
re
desnasce
desmorre desnasce
desmorre desnasce desmorre
nascemorrenasce
morrenasce
morre
se

Haroldo de Campos — 1958

² Haroldo de Campos foi um dos idealizadores do movimento concretista no Brasil, que buscava uma poesia mais visual e estrutural, rompendo com o lirismo tradicional. A poesia concreta tem esse nome pois possui relação com a cidade, com a indústria emergente e tenta falar do mundo real, o concreto.

A diferença entre esse paralelo e a realidade aqui apresentada é que o que morre não é o lugar, mas a ideia do lugar! o que nasce (e morre) não é o Centro de Belas Artes, mas o “quase” perpétuo em sua promessa de feitura, de sonho, de possibilidade. Nasce em 1991 para ser o terminal rodoviário, a ideia não se sustenta; morre. Renasce em 2007 com o Centro Cultural, é insuficiente; morre. Troca de governo, nasce; morre. Nasce de novo, com um novo governo; morre. De novo nasce, com uma nova construtora; morre. De novo se constrói uma parte dele; morre. Agora, em 2025, é retomado, de novo, o projeto, ainda não morreu. Morre?

2. Da exposição

Ao tentar captar em luz, sombra e cor as promessas escondidas nas paredes cinzas e marcadas do Centro de Belas Artes, a exposição fotográfica “Essa droga de sonho não vai dar em nada – uma quase Campo Grande” aconteceu dia 25 de junho de 2025 no Bar do Zé Carioca. Era preciso que o local dialogasse intimamente com o conceito do objeto fotográfico, que as fotos quando combinadas com o espaço pudessem ser se não um só, ao menos, a extensão do outro (figura 5). Para isso, era necessário um local com um histórico-cultural na cidade, localizado em zona central, com um viés popular, acessível e dotado de intervenções urbanas como grafites, pichações, rabiscos, rascunhos ou declarações.

Figura 5 – foto panorâmica da exposição

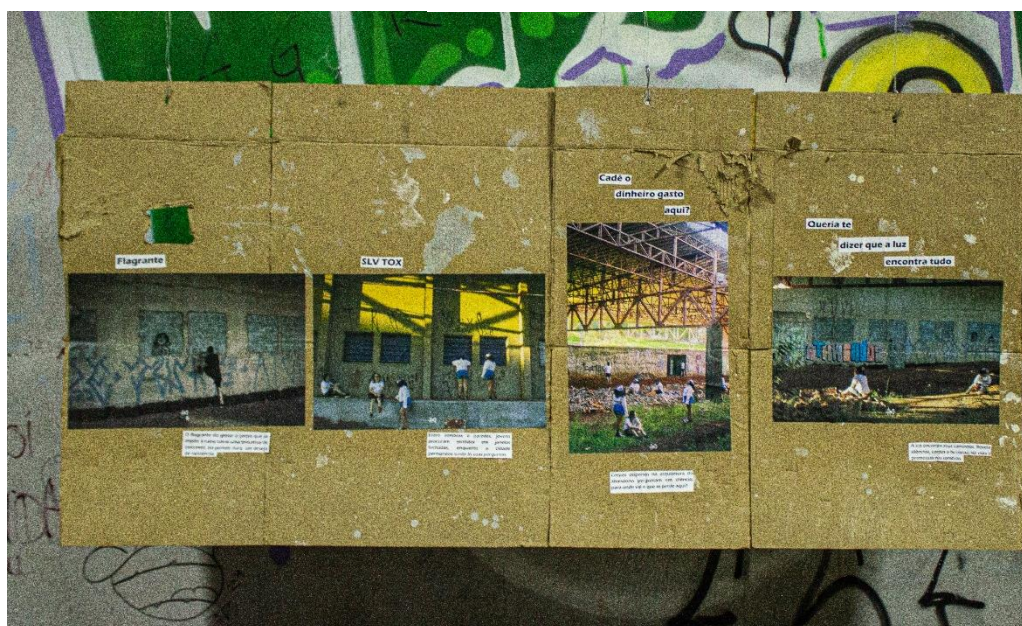


Ao registrar essas ruínas, expressar esses dramas, numa tentativa de dar conta dessas promessas, todas as fotografias funcionam em planos abertos, isto é, tecnicamente, possuem no ângulo da lente da câmera algo entre 45° e 180° graus. São 16 (dezesseis) fotografias divididas em 4(quatro) blocos de 4(quatro) fotografias estendidas e coladas sob caixas de papelão amarradas pelo teto. A escolha do suporte em caixas de papelão reverencia a

obra: é um material reciclável, encontrado facilmente no lixo ou na rua, pode ser furado, recortado e rasgado, pois é totalmente maleável e está sujeito a qualquer escolha alheia.

O primeiro bloco (figura 6) agrupa fotos com a presença de pessoas, busca sentido preenchendo o quadro com os corpos espalhados ou centralizados no espaço do Centro de Belas Artes. As pessoas multiplicadas tentam simular algo que nunca aconteceu: ocupar o espaço que sempre foi destinado as próprias pessoas.

Figura 6 – bloco um



O segundo bloco (figura 7) reúne fotos oníricas, fantasiosas através da direção de objetos e da feitura de sobreposição de camadas. É o grupo que vê a realidade e sente um impulso de transformá-la para criar uma ponte entre a ruína e o sonho, em que os buracos no teto e as janelas fechadas tornam brechas para a poesia entrar: a luz encontra todos os lugares.

Figura 7 – bloco dois



O terceiro quarteto (figura 8) é o que não há rastro algum de corpos, a visão distante, a ausência de sons e passos é o que divide a obra arquitetônica inacabada perante a cidade que ela nunca abriu as portas para fazer parte. Apresenta tons esverdeados da natureza que circula a área do Centro Cultural, mesclados com sombras e tons de cinza da construção abandonada que quase alcançou seu potencial, esse bloco é um sussurro, é o poder inato da grama e das árvores e da luz do sol tomando silenciosamente o que nunca foi de ninguém.

Figura 8 – bloco três



Por último, o último bloco (figura 9) são fotografias que expõem o ritmo cíclico e indolente das tentativas de reconstruir o museu ao céu aberto ano após ano na política pública da capital campo-grandense. Nelas seus significados parecem subjetivos, mas para o olhar atento, estão expostos seja pelo grafite em evidência no centro que grita “de novo e de novo”, seja pelo rastro de gente que emula um movimento que nunca aconteceu ali.

Figura 9 – bloco quatro





A maioria das fotografias são acompanhadas por títulos e legendas curtas, escritas em tom poético, criando camadas de significado que extrapolam o contexto imediato, convidando o espectador a um diálogo íntimo e crítico com as imagens.

Exibir as imagens nesse espaço informal, cotidiano e pulsante que é o Zé Carioca, permite que o público perceba as fotografias não apenas como denúncia de um grande desvio, mas também como reflexão das possibilidades. É um gesto que recupera, pelo menos momentaneamente, a ideia de luta coletiva, recupera na memória dessa cidadezinha a esperança de que houve um tempo em que Campo Grande sonhava por um futuro diferente, com mais cultura, arte e educação.



3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para realizar uma exposição fotográfica que busque dialogar poeticamente com o espaço urbano, suas ruínas e promessas interrompidas, é essencial compreender alguns conceitos fundamentais. Nesta seção, discuto questões teóricas, referências pessoais e visuais que contribuíram diretamente para a criação artística e reflexiva deste projeto. A cidade urbana, o espaço arquitetônico e as escolhas técnicas da fotografia são lidas como formas de compreender e potencializar as imagens autorais. É um caminho conceitual que revela como o ato de fotografar não é (e nunca será) somente apertar um botão de uma câmera. Ele transcende o simples registro. Trata-se de um exercício profundo de interpretação e crítica da realidade ao nosso redor, ora como memória do passado, ora como possibilidade de um futuro. Digo, ao menos aqui, em uma universidade para formação acadêmica.

3.1 A cidade, o urbano e a Arquitetura

Existimos, movemos-nos, vivemos na obra de um homem! Não há uma só parte dessa tríplice extensão que não tenha sido estudada e refletida. Aí respiramos, de algum modo, a vontade e as preferências de alguém. Somos envolvidos e dominados pelas proporções que escolheu. Não podemos dele escapar. (VALÉRY, 1996, p. 73)

O trecho do livro de Paul Valéry intitulado “Eupalinos ou O arquiteto” é suficiente para elucidar a importância e a profundidade do exercício da área arquitetura e urbanismo em uma cidade. Por esse motivo, não haveria como tentar fugir do debate arquitetônico ao escolher como objeto fotográfico um projeto de arquitetônico (mesmo que inacabado). Por sorte, os prédios em Campo Grande, sempre me despertaram curiosidade pois diferente de metrópoles, a presença de grandes casas verticais é muito bem espalhada por Campo Grande, não existem prédios “colados” uns aos outros por quadra, eles se posicionam entre muitas casas e árvores da capital morena, mesmo na área central.

Nesse sentido, o livro “Arquitetura em Campo Grande”, lançado em 1999, dos autores Ângelo Marcos de Arruda (org.), Gogliardo Vieira Maragno e Mário Sérgio Sobral da Costa é resultado de uma imensa pesquisa pela Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da região do Pantanal (UNIDERP), reúne a seleção de 100 obras de Campo Grande e “busca registrar os exemplares arquitetônicos mais significativos para a compreensão da difusão da arquitetura moderna em Campo Grande” (ARRUDA, 1999, p.28). Para os autores, essa seleção



é necessária para compreender sobre a história e a identidade da nossa cidade que é fruto de muita diversidade e de inúmeros imigrações, para Ângelo Marcos Arruda:

“A arquitetura constrói a identidade e memória da cidade. Cultura e identidade são imprescindíveis. Arquitetura e cultura constroem-se no dia a dia de uma cidade e de uma civilização. E aqui podemos ver que a cidade de Campo Grande foi construída em diversos momentos econômicos e políticos importantes e que deixaram registrados, nos edifícios deste século, a marca da difusão da cultura dominante”
(ARRUDA, 1999, p. 25)

Para situar no tempo, o Terminal rodoviário Engenheiro Euclides de Oliveira, posteriormente reinaugurado como o Centro de Belas Artes, foi iniciado em 1991, o que é 8 anos antes da publicação da pesquisa da UNIDERP, e é um projeto do arquiteto Rubens Gil de Camilo, um dos responsáveis pela seleção número 55 (cinquenta e cinco), o Palácio Popular da Cultura – Centro de convenções de MS. Em outras palavras, é de se refletir através da imaginação que se o Terminal Rodoviário estivesse finalizado, muito provavelmente ocuparia um lugar entre as 100 célebres obras selecionadas.

Porém, mesmo em ruína, essa obra consegue nos dizer sobre a identidade de Campo Grande: ela está igualmente abandonada. O gentílico “campo-grandense”, é apenas um substantivo e não carrega uma identidade consigo pois essa se encontra declínio pois o urbanismo deixou de ser símbolo cultural na memória da cidade. Em que Centro de Belas Artes atua como elucidador desse fato, como consequência de um governo que não é para a sociedade, que não é feito para a população cultural e artística.

Não propago a ideia de separar arte do artista pois sou facilmente afetada por tudo que faço. Apenas no ato de ler essa pesquisa do pessoal de arquitetura sobre Campo Grande, tive vontade de ir em cada locação, gravar vídeos, fazer um roteiro para cada um, postar nas redes sociais, dizer assim para minha mãe, para minha tia, para meus professores que: “olha, teve uma época que Campo Grande sonhava e que a pesquisa incentiva a criação arquitetônica para a sociedade”. E é esse efeito é também, talvez, o efeito que toda e qualquer pesquisa deveria ter sob os olhares atentos: o de criar formas de perspectiva, outras impressões ao andar pela Rua Rui Barbosa, 14 de julho, essa de modificar e criar caminhos já estabelecidos pela política dominante.



3.2 Não é exclusivo de Campo Grande, o HU do Rio de Janeiro.

O projeto de extensão “LUME” do curso de Audiovisual da UFMS, organizado pelo Professor Rodrigo Sombra, consiste em criar debates criativos com fotógrafos e artistas visuais todo semestre. Em uma de suas edições on-line, em 2021, a convidada foi Joana Traub Csekö (figura 10), e esteve presente no debate pelo *google meet* pois a fotografia sempre foi minha área de interesse e o LUME traz personalidades emergentes que vale a pena conhecer. Naquele momento, não pensava em um TCC, mas agora, 4 anos depois, Joana é uma das minhas principais referências, o que demonstra a importância de se envolver e se familiarizar com as atividades de extensão na faculdade porque a partir disso, naturalmente a pesquisa chegará até você sem a necessidade incessante de buscá-la, afinal, experiência pessoal também é pesquisa.

Traub Csekö foi indicada ao prêmio PIPA 2010 e em seu trabalho é possível ver constantemente a tentativa de retratar o fenômeno urbano, é o caso de sua série sobre o Hospital Universitário da Universidade Federal do Rio de Janeiro, o HU. Em entrevista³ ao evento do prêmio nos diz “A peculiaridade desse edifício é que ele é só metade ocupado pelo hospital. A outra metade dele nunca foi terminada. Essa série de fotos minhas lida mais com a parte dessa dualidade do prédio, dessa simetria que eu chamei de simetria assimétrica, que são essas duas metades que se complementam e que são, também, opostas por um lado, mas são parte de um mesmo todo.” (figura 11).

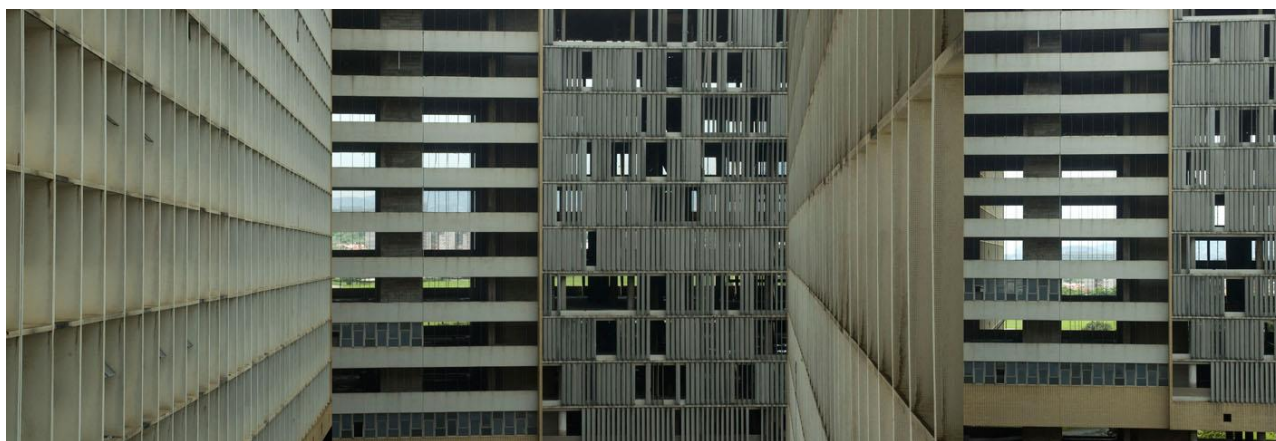
Figura 10 – foto divulgação LUME 2021



³ Transcrição da entrevista, disponível em <https://www.premiopipa.com/pag/artistas/joana-traub-cseko/entrevista-com-joana-traub-cseko-transcricao/>

Joana olhou para os 220.000 (duzentos e vinte mil) metros quadrados do HU e o observou de maneira profunda e atenta para dirigir também o documentário sobre a obra arquitetônica, ao lado de Pedro Urano. O filme-ensaio “HU – O enigma” (2011) de acordo com a crítica de Juliano Gomes⁴, “Ao mesmo tempo em que há uma desejo de exploração desse espaço como forma plástica, especialmente nessas linhas retas da arquitetura modernista, que parecem poder se combinar infinitamente, essa espécie de paixão pela linha reta revela também um limite claro que o projeto de Pedro Urano e Joana Traub Csekö tenta se desvencilhar mas não consegue, que é a crença naquele espaço como metáfora, significando “uma outra coisa”.

Figura 11– "simetria assimétrica"



Ao descobrir Joana lá na cidade do Rio de Janeiro usando o HU como assunto fotográfico enquanto estou desenvolvendo a minha própria pesquisa sobre o Centro de Belas Artes aqui em Campo Grande, demonstra que esse caso, de obras incompletas, inacabadas, de promessas não cumpridas, é uma espécie de *modus operandi* na vertente de lugares públicos do nosso País. Na minha tentativa de traduzir ele em metáfora para a essência de Campo Grande, não pretendo encontrar culpados para o sucateamento da cultura através de projetos que já nascem mortos, ao contrário, tento dizer que não há inocentes. O abandono é geral e nos resta levantar emblemas, símbolos e alegorias para imaginar uma utopia, como disse Fernando Birri⁵, para abrir caminhos e refletir sobre novas formas de fazer as coisas.

⁴ Rua de mão dupla – HU, de Pedro Urano e Joana Traub Csekö (Brasil, 2011) disponível em <http://www.revistacinetica.com.br/hu.htm>

⁵ “A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar”.



3.3 O plano aberto e as suas possibilidades

Fotografia estática é diferente da fotografia em movimento do cinema, é diferente da imagem e do som atuando simultaneamente em uma tela. Visitar uma exposição fotográfica é diferente de visitar um cinema, pelo suporte e pelo caminho que a informação faz para chegar até o observador. Essa diferenciação é alicerce para esse projeto pois delimita os meios de interpretação, os modos de composição dentro do quadro e ajuda a entender os caminhos possíveis.

Dentre todos os enquadramentos possíveis, o aberto sempre foi meu favorito, ao escolher a arquitetura e o urbano como assunto principal, aniquilei (de modo até ignorante, talvez) todas as tentativas de um plano fechado. A ideia sempre foi que a composição e as informações disponíveis no quadro deixassem espaço para quando a fotografia fosse impressa, sobrasse espaço para os olhos dos observadores percorrerem toda a dimensão da obra. É como se fosse um convite, uma escolha: poder decidir para onde se quer ver ou até mesmo não querer ver, ambos, silenciosamente.

O francês Jean Epstein, teórico e cineasta, era aficionado pelo plano-detache no cinema, definindo-o assim: “Entre o espetáculo e o espectador, não há qualquer rampa. Não se olha a vida, penetra-se nela. Esta penetração permite todas as intimidades” (Epstein, 1974). Quando o assunto é escolha estética e conceitual, talvez saber por qual caminho não ir seja tão importante quanto saber por qual caminho ir, ou seja, durante as escolhas o que fica de fora também diz sobre o que fica dentro por exemplo, ao encarar a afirmação de Epstein descobri que não queria intimidade com o espectador; almejava rampas, escadas, pontes entre a tela e o observador. O que Epstein sugere visualmente é um grito, e aqui o objetivo é o sussurro.

No livro de Henry Carroll, “Fotógrafos sobre a fotografia”, um dos fotógrafos entrevistados é Alec Soth que diz:

“Se lá no fundo do seu coração o que você quer mesmo é tirar fotos de gatinhos, tire fotos de gatinhos” (CARROL, 2018, p. 71)

E eu acredito fielmente nisso. O ato de fotografar vai além da discussão técnica sobre a velocidade do obturador, da abertura do diafragma e do tamanho da sensibilidade do sensor, o ato de fotografar é, sobretudo, um exercício de atenção e liberdade. O aparelho fotográfico é para exercer a vontade, ao desejo. No meio acadêmico a técnica é requisito, mas



não é suficiente, por isso a minha urgência de um conceito que me reparta ao meio e me traga ao mundo junto com a criação.

Assim, nunca reservei técnicas para as fotos autorais dessa exposição, não anotei a abertura, a distância focal, a velocidade ou a abertura de nenhuma foto. O desafio inerente era descobrir o meu objetivo e não qual técnica iria me ajudar a atingi-lo. Por exemplo, normalmente, o sentido de uma longa exposição é o rastro do objeto; se for uma cobra, pode ser a natureza em seu ritmo; se for uma criança que se mexeu, pode ser a energia da infância; se for um carro no meio do trânsito, pode ser uma cidade frenética. Ou seja, a técnica é a mesma, mas o sentido atrelado a ela é o que deve ser levado em conta no ato de apertar o botão da câmera. E deixo nítido a importância da consciência do ato em um meio de formação audiovisual, pois é o que vai nos libertar e guiar para novos caminhos, e saber a partir de qual área vemos e documentamos o mundo: do visor de uma câmera.



4. DISCUSSÃO ACERCA DOS PROCEDIMENTOS PARA A REALIZAÇÃO DO PROJETO FOTOGRÁFICO

No segundo semestre de 2023, cursei a disciplina de “Metodologia da pesquisa científica”, naquele momento ministrada pela Professora Doutora Daniela Siqueira. Em muitos encontros entre mim e ela para descobrir qual seria meu pré-projeto, as indagações eram: O que chama sua atenção? O que te incomoda? O que provoca aflição ou ternura? Eu não sabia nada além de que seria um caminho traçado sozinha. Após 4 anos entre trabalhos em *set* de filmagem ou em um trabalho escrito, a conclusão do curso seria algo que diz respeito somente a mim mesmo, um desafio e um exercício de intimidade.

Todo final de ano no curso de Audiovisual da UFMS, é feita uma síntese sobre todos os trabalhos apresentados. No ano de 2023 a análise dos professores docentes foi de que a morte rondava todos os projetos audiovisuais que saíram, ou seja, todos os curtas-metragens produzidos rondavam indireta ou diretamente o tema da morte, resultado proveniente de uma turma que passou boa parte da graduação na pandemia. Agora, esse ano, na minha turma, me pergunto qual será a síntese nos trabalhos apresentados dos formandos deste ano no curso.

Após discussões na disciplina da Professora Daniela, que apesar de acadêmicas eram terapêuticas, batemos o martelo a respeito da exposição, o título era “O que evoca o sim na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul”. Consciente de que muito provavelmente ele poderia ser naturalmente mudado desde que a construção principal continuasse a mesma ou seja não haveria problema eu mudar o tema da exposição fotográfica, desde que continuasse sendo, do mesmo modo, uma exposição fotográfica. O que não poderia acontecer - ou melhor, eu iria ter um trabalho muito grande se acontecesse - era decidir fazer um curta-metragem após concluir o pré-projeto.

Essa primeira versão deste Trabalho de conclusão de Curso (TCC) consistia em uma observação otimista e afetuosa da capital morena. Seria uma busca minuciosa por lugares nas ruas da cidade que exalavam vivências e histórias carregadas de afeto, por exemplo, bares com os amigos, uma rua que um casal deu seu primeiro beijo ou uma árvore centenária em uma praça. O “sim” presente no título tinha o intuito de situar a narrativa individual de alguém na cidade, de forma a compreender como onde nascemos e somos criados é algo irreconciliável na construção do nosso sujeito, onde depositamos nossa casa sem saber ou o que, até, molda a nossa forma de sentir frio ou calor, já que Campo Grande é uma cidade relativamente quente. O “sim” no título também envolvia gratidão pelos amigos e conhecidos que fazemos na cidade,



quem vive essas memórias ao nosso lado. O “sim” era estudo sobre o que teria no berço ao qual o ser campo-grandense iria se desenvolver.

No primeiro semestre de 2024, escolhi o Professor Doutor Júlio Bezerra, responsável por disciplinas como “Crítica de cinema”, “História do cinema e do audiovisual 1” e “Teorias do cinema e do audiovisual” como meu orientador de TCC. Em nossas reuniões, quase 5 meses depois de ter o pré-projeto aprovado, aquele “sim” do título anterior não existia mais. Se tornou uma tarefa tão nebulosa achar o afeto Campo Grande, que ao invés disso, comecei a reparar no número de casas abandonadas no centro e de como havia um potencial desperdiçado nisso. O “sim” da primeira versão do pré-projeto não existia mais.

O sentimento cinza e nebuloso que ocupava minha mente nesse momento vinha de outro lugar: minha vó faleceu no meio da pesquisa. Então, provavelmente, eu não enxergava afeto nas ruas de Campo Grande porque naquele momento não existia afeto em lugar nenhum. Minha terapeuta me ouviu falar sobre o ocorrido em muitas sessões, o que me ajudou visto que a sua morte foi súbita e indeterminada, atingindo como um raio até os mais distantes da minha árvore genealógica. Foi o meu primeiro velório de alguém imensamente próximo, e como minha vó, mãe da minha mãe, teve imenso papel na minha criação, sua perda inundou toda a minha vida. Perdi prazos, chorei escutando Gino e Geno, faltei aula, faltei no estágio, duvidei da existência, chorei no ônibus ao ver netos e avós sentados, parecia que tinham tirado uma parte de mim, mas eu ainda estava inteira, não há palavras para descrever o luto.

Os meses passaram e o tempo agiu. Somente no segundo semestre de 2024 que eu e Prof. Júlio, de fato, começamos a delimitar até onde iria o tema da cidade, como eu já havia visitado o Centro de Belas Artes e falado da sua importância, ele já estava definido como objeto. Era necessário eleger lugares que seguissem a mesma vertente do Belas Artes: ser uma ruína e ter um contexto histórico-cultural. Ou seja, não bastava ser uma casa tombada pela prefeitura, a necessidade era que fosse algo que um dia foi destinado para a sociedade de forma cultural e progressista. Por exemplo, havia uma casa muito bonita na esquina da rua 13 de maio com a rua Antônio Maria Coelho, com uma parede de tijolos que devido a ação do tempo se mesclava em uníssono com uma árvore ao lado dela (figura 12). Porém após investigar a história da casa, o dono era um ex-vereador que foi cassado, logo, a casa foi descartada.

Figura 12 – parede e árvore



Ainda em 2024, decidimos que no total seriam 5 lugares usados de metáfora para dizer sobre uma Campo Grande subjetiva, com o Centro de Belas Artes sendo o mais emblemático. Como nesse período a única decisão tomada foi a do mote que amarrava todos os lugares, consequentemente, sou reprovada na disciplina para retomarmos no próximo semestre.

Em 2025, as tarefas eram 1. a curadoria dos lugares para serem fotografados, 2. A execução das fotografias e por fim 3. a exposição delas.

4.1 O Centro de Belas Artes – antes e depois.

Já havia pisado dentro desse nosso monumento oco campo-grandense cerca de três ou quatro vezes em 2024, todas foram impactantes, é um lugar mágico de tão irreal. Mas nada se compara a primeira vez que fui esse ano de 2025, em abril, pois para o meu choque, o lugar já era outro! Como já ressaltai, a obra possui um movimento cíclico, conforme mudam os governos e as gestões ela é parada ou renasce novamente em outra projeto, como de costume, o local foi interditado para reforma: A prefeitura fechou com cimento todas as janelas do Centro de Belas Artes. Para melhor compreensão, a seguir duas imagens de ângulos parecidos da obra em 2024 (figura 13 e 14), quando não estava tirando fotos para o TCC e 2025 (figuras 15 e 16), quando eu estava tirando fotos para o TCC.

Figura 13 – 2024



Figura 14 – 2024





Figura 15 – 2025



Figura 16 – 2025





As janelas foram tampadas com tijolos e peças de alumínio foram colocadas nas portas para ninguém entrar. Em termos de fotografia, é uma grande gama de perda de luz através das janelas e uma perda de profundidade de campo, no sentido de ver o que está além, o que está atrás. Também é uma perda de manifestação artística urbana, porque a partir do momento que a prefeitura sucateou o Centro de Belas Artes, ele foi tomado por *pixos*, grafites, tintas e sprays que qualquer pessoa que entrasse poderia fazer, sendo irônico até para o próprio nome “Belas Artes” no título do complexo arquitetônico.

Felizmente (ou infelizmente), sou brasileira, então, eu e meus modelos fotográficos (meus amigos) entramos por uma janela que ainda não havia sido coberta por cimento. Tiramos as fotos. Odiei todas. Mostrei para o Prof. Júlio, ele gostou de algumas. Passaram 2 semanas, voltei lá novamente, estava ainda mais fechado com cimento. Andamos muito até achar uma outra entrada que estivesse aberta. Dessa vez, gostei muito das fotos! O projeto estava finalmente, ganhando luz e forma.

4.2 O horto Florestal – uma floresta no meio do centro

Presente no livro “Arquitetura em Campo Grande”, horto florestal é o número 91 das 100 obras selecionadas da pesquisa da faculdade de arquitetura da UFMS. Porém, igualmente abandonado.

O Parque Florestal Antônio Albuquerque, popularmente chamado como Horto Florestal possui 6 hectares no total e está localizado entre os córregos Prosa e Segredo. Inaugurado com uma pista de *cooper* extensa, uma arborização verde abundante, um espelho d’água, uma pista de skate e a Biblioteca Municipal da cidade em seu espaço, o Horto prometia um novo rumo para Campo Grande, com mais lazer, mais saúde e turismo. Porém, hoje em dia, a pista de *cooper* é invadida pela natureza e abriga caramujos; o espelho d’água, esvaziado e os musgos tornam o piso azul em um rastro verde; A pista de skate, isolada em seu canto e inacessível por qualquer par de rodas; e a Biblioteca Municipal, trancada com todas as suas histórias presas dentro dela.

Quando Professor Júlio entrou em contato com a Prefeitura para conseguir autorização para entrar, um temporal tinha acabado de atingir a cidade e não havia chance de entrar no Horto Florestal pois caiu uma árvore dentro e o risco de mais quedas é iminente, de repente, ele estava interditado junto com a possibilidade dele ser fotografado, é descartado como possível assunto fotográfico.



4.3 O cine *center* – antiga rodoviária

Em sua edição de 2024, a Socine (Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual) foi realizada na UFMS em Campo Grande, sediada pelo curso de audiovisual. Uma tradição do evento é visitar cinemas antigos da cidade-sede de cada edição, em Campo Grande visitamos o Cine *center* e o Cine Rialto. Foi uma experiência fantástica, pois, até então só havia visto fotos deles no estágio no Museu da Imagem e do Som de Mato Grosso do Sul e em livros antigos. Por ficar encantada com o cine-center, ao entrar, fotografei o que restou dele (figuras 17 e 18).

Figura 17 – cine center

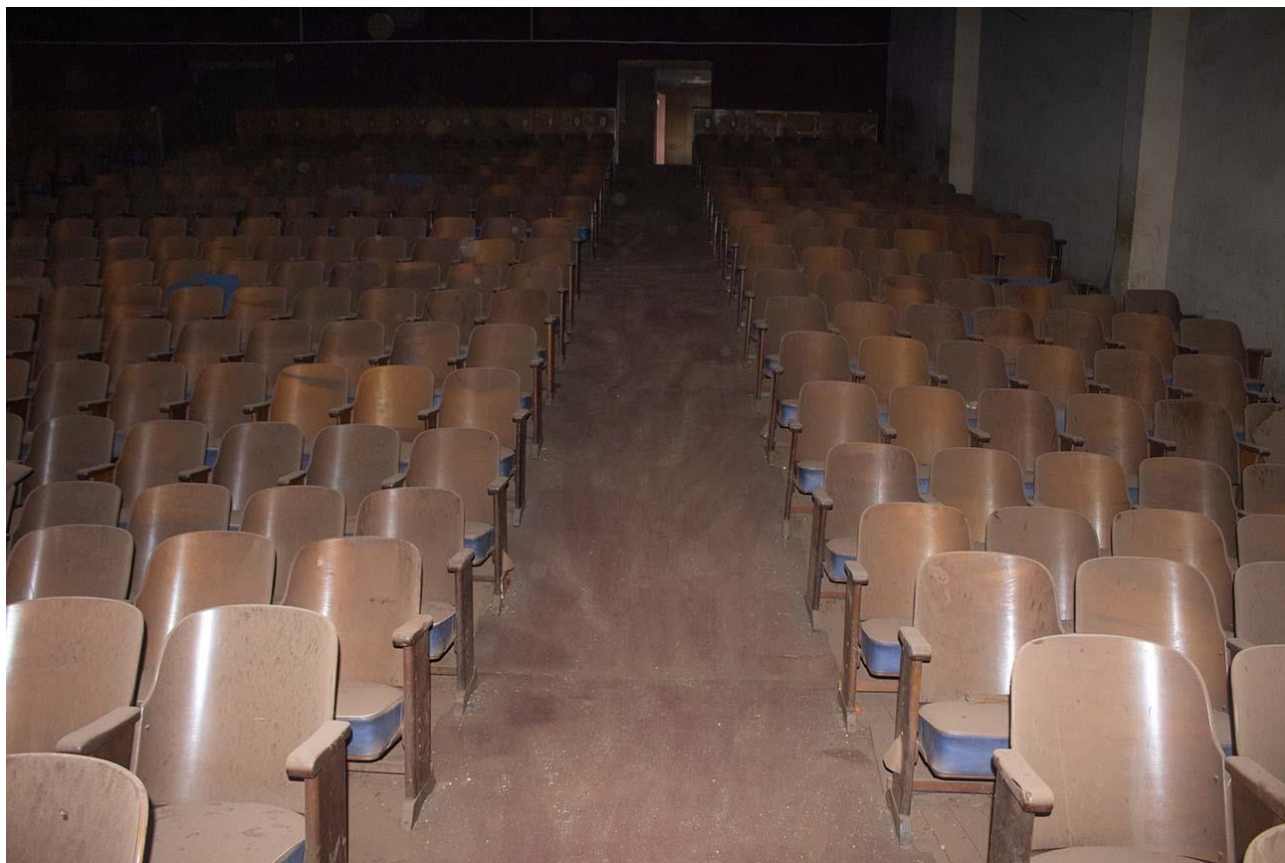


Figura 18– cine center, detalha da cadeira



A história do *Center* desperta curiosidade entre os amantes do cinema de Campo Grande, Marinete Pinheiro e Neide Fischer publicaram em 2008 o livro “Salas de sonhos – Histórias dos Cinemas de Campo Grande”. De acordo com ele, o Cine *center* foi arrendado no início da década de 1980, sendo que começou a falir rapidamente no fim da década e em 1992 começa a exibir somente filmes pornográficos. Abandonado desde 2009, com a inauguração de um novo terminal rodoviário, o cinema da antiga rodoviária resiste entre poeira e abandono. Por unir cinema, história, memória e cultura, se torna, um grande candidato para ser fotografado.



Contudo, a Socine aconteceu em 2024 e em 2025, quase 7 meses depois, o lugar passou a ser interditado mediante a condição de desmoronamento, ninguém poderia entrar, muito menos eu para fotografá-lo para fazer parte de um TCC que iria utilizar figurativamente as ruínas de Campo Grande.

4.4 Clube Surian – uma época *underground*

De acordo com Rossine, professor de português entrevistado durante a pesquisa, os anos 80 foram a época dos clubes da cidade. O clube Surian, na rua 13 de junho, esquina com a Avenida Mato Grosso, era o *underground* da época com discotecagem que acabava pontualmente às 22 horas da noite para dar tempo de todo mundo pegar o ônibus.

Igualmente abandonado, o Surian, apesar de ser privado, por conta de seu caráter cultural em uma outra época da cidade, desperta meu interesse para ser fotógrafo. Ele também possui uma piscina que um dia foi imersa, mas hoje, é coberta por musgo, sem água, com uma estética suja que transpassaria por si só o rastro de um passado da velha guarda de hoje.

A essa altura da busca por lugares abandonados, dotados de sonhos roídos, na pesquisa por uma outra versão de Campo Grande, no calendário já era maio de 2025 e eu só tinha o Centro de Belas Artes documentado para a exposição. Por isso, Prof. Júlio me manda uma mensagem, com a ideia de que o tempo está muito apertado e talvez seja melhor ficar só com o Centro de Belas Artes antes de prosseguir com o Surian e outros possíveis lugares.

Durmo inconformada, pensando comigo mesma: “Como assim, o Júlio quer excluir os outros lugares? Não é justo eu ter pensado em todos eles e só ficar uma unidade de lugar! Amanhã de manhã na nossa reunião ele vai ter que escutar”

Acordo mansa, pensando: “O Júlio é um gênio! Faz todo sentido ser só o Belas Artes, afinal, ele sempre foi o mais emblemático de todos os lugares, a arquitetura mais simbólica, a ideia sempre foi sobre ele, que ótima ideia!”

Nada como um dia após o outro, então, fechamos totalmente o projeto.

4.5 A conclusão e montagem da exposição

Com o objeto fotográfico definido em imagem e de conceito, instalou-se o trabalho de curadoria. Meu orientador me ajudou a reduzir as 441 (quatrocentos e quarente e um) fotografias do Centro de Belas Artes em dois finais de semana para as 16 (dezesseis) fotos presentes nessa exposição. Algumas sem cor, outras com cor até demais. Algumas com corpos ocupando o espaço, outras que juravam que há tempos nenhuma alma pisava ali. Fiquei extremamente contente com as controvérsias que cada foto suscitava, com os embates, com a possibilidade de alguém olhar duas vezes para entender melhor o que se vê.

Todas as fotos exigiram horas de edição, dentre as mais demoradas estão as que apresentam diversas camadas, as que meus amigos (Laura Cristina e Pedro Miyoshi) foram duplicados e reorganizados no quadro. Por exemplo, a feitura de cada foto do primeiro bloco da exposição no Zé Carioca (vide página 12), consistiu no processo de transformar dez fotos em apenas uma (figuras 12 e 13)

Figura 20 – antes



Figura 19 – depois





Ainda bem que o bar do Zé Carioca foi o local da exposição pois somou para a apreciação e recepção das fotografias. Mas não há como negar que isso somente aconteceu porque o primeiro lugar que eu havia combinado de expor descumpriu sem aviso prévio o combinado.

A nossa experiência pessoal é também pesquisa, e como eu fazia estágio no Museu da Imagem e do som – MIS, na Av. Fernando Correa da Costa, o primeiro local que ia ser a exposição era um estacionamento desativado que ficava muito perto do MIS, um espaço bem amplo e totalmente vazio. Eu passava um dia na frente, passava de novo no outro, até que tomei coragem e na primeira semana de junho, liguei no número que estava em cartaz pendurado nas grades do perímetro do local desativado. Quem me atendeu foi a cunhada do dono do estacionamento, a partir dela, peguei o número do marido dela, filho do dono, e a partir dele, entrei em contato com o dono e combinei um café para alinhar a possibilidade. No dia do café, início de junho, ele com muito esmero me diz que posso sim fazer a exposição lá sem custo algum, o único problema seria que ele (o dono) viajava no meio de junho e voltava somente no mês que vem, mas me deu garantia que o filho poderia me abrir as portas.

Entro em contato com o filho do dono do estacionamento, chamado Filipe e combino para ele me passar até o dia 13 de junho uma data que ele poderia abrir as portas do estacionamento para eu montar a exposição, ele concorda.

Dia 13 de junho mando mensagem, sou ignorada.

Dia 14, ele me responde dizendo que estava doente.

Dia 17 mando mensagem de novo. Dia 20, também, após Júlio me convencer, ligo novamente para Filipe esse dia e não existe absolutamente nenhum contato.

Aviso que perdi o lugar da exposição e que preciso de um urgente, só preciso que o lugar seja cultural e no centro, afinal, eu me viro para montar a exposição, o importante é ter um lugar!

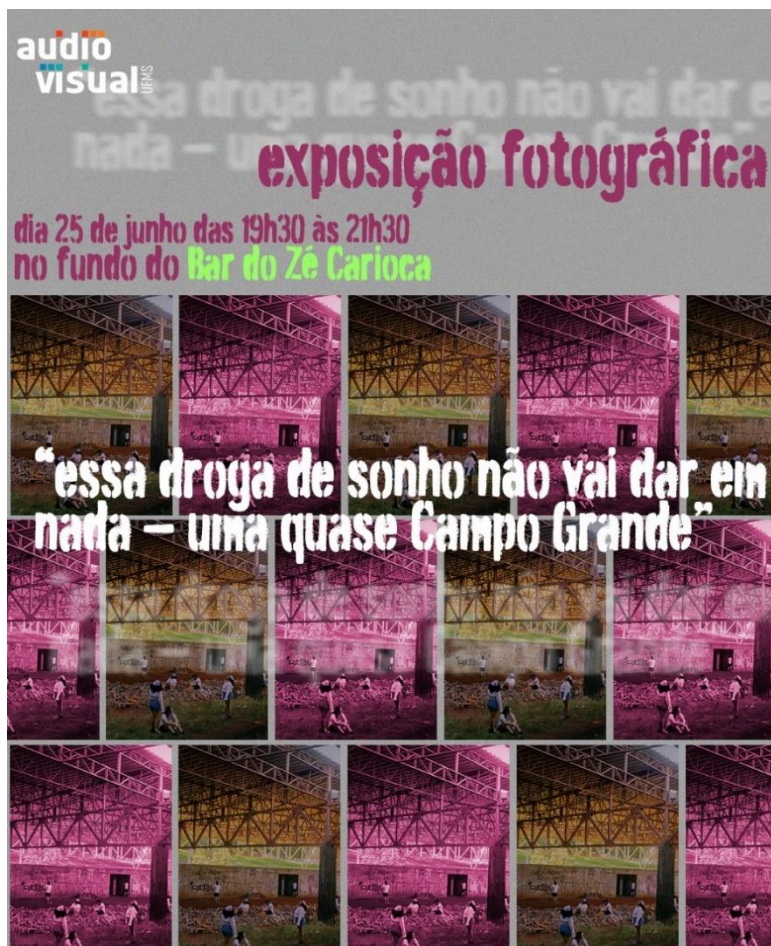
Penso no bar do Zé Carioca, e me preparo para ir lá conversar no dia 22 de junho sobre a ideia da exposição. É sábado, entro no ônibus com uma pasta de folhas A3 para mostrar que as fotos valem a pena ter uma exposição e que eu só necessito da cedência do espaço. Às 15h da tarde entro no Zé, as responsáveis pelo bar, Nathalia e Karine, me tratam muito bem, elogiam as fotos e dizem que posso sim fazer e que se eu duvidar: “vai ser até melhor do que



seria nesse estacionamento.!” Ela estava certa. Com menos de uma semana para a exposição, consigo fechar, de novo, o local da exposição.

No meu entendimento, a exposição poderia ser em qualquer lugar por conta de seu caráter reciclável e adaptável, tendo um fio de *nylon* e a autorização, poderia organizar as fotos até dentro do córrego se tivesse recuo suficiente. E mesmo assim, com o processo de montagem extremamente maleável, não haveria melhor lugar do que o bar do Zé Carioca! Primeiro porque é um lugar conhecido por mim e por todo meu ciclo social, é uma atmosfera familiar e reconhecível. E porque conversa diretamente com a proposta da exposição conceitual da exposição: lugares que dizem mais de uma gente do que a própria gente. Além de tudo isso, por gentileza e sorte, Zé Carioca possui energia elétrica (diferente do cine *center*), pilares de ferro em um pé direito alto (diferente de um córrego), um lugar coberto caso chovesse (diferente da primeira locação), e uma escada muito alta que o pessoal nos emprestou com muito esmero, só poderia ser lá. Assim, com tudo combinado em dia, local e hora, divulgo a exposição para o dia 25 de junho de 2025 nas redes sociais. (figura 21).

Figura 21 – divulgação da exposição





Com a data da exposição anunciada na mesma semana da defesa da banca. Para montar os papelões, os ganchos, os fios e as fotos foram cerca de 5 horas em trabalho em trio: Eu e meus amigos da mesma turma: Gabriela Teodoro e Caleb Luís. Ainda que a montagem tenha sido meticulosa e lenta pois tínhamos que fazer uma coisa por vez, também foi tranquila, sem nenhum estresse, isso se deve ao fato de que me desprendi de maneira admirável dos detalhes que poderia criar na minha cabeça, nesses momentos não é proveitoso imaginar como as coisas seriam, cabe apenas aceitar o que elas são e nós três trabalhamos muito bem com um fluxo contínuo, organizado e leve devido ao tempo convivendo.

Por último, a exposição teve cerca de 40 (quarenta) pessoas em 6 horas expostas dentre elas, estavam os professores presentes na banca, meus amigos, colegas e pessoas que se interessaram pelo trabalho e estavam pelo ambiente do Zé Carioca.



5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Manoel de Barros, poeta do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, em seu poema intitulado “Aprendimentos” (Barros, 2003) descreve uma série de aprendizagens baseadas totalmente em conhecimento empírico, no aprender sem ninguém estar, de fato, ensinando. Assim também, acredito eu, que seja o processo artístico. Esse projeto é resultado de uma série de minuciosos desencontros e encontros que tento parar para lembrar o que me fez chegar aqui e me parece algo muito além do que meu cérebro campo-grandense pode entender. Em 2022, por exemplo, eu estava obcecada por quinas de prédio, em como elas eram pontudas e cabiam um *outdoor* perfeitamente, e agora em 2025 fotografei em ângulos diferentes um lugar que tem escadas que não levam a lugar nenhum.

Desde que comecei a fotografar sempre tive uma preferência por pessoas, sobretudo, retratos de pessoas daqueles que emulam fotografia 3x4. O sorriso, as dores contidas por trás dos olhos, as marcas de suor, de espinhas, os brincos aparecendo, uma camiseta de botão e a ausência ou presença de olheiras profundas sempre me foram atrativos e magnéticos. Por tanta preferência virou minha zona de conforto e não há nada pior para uma mente curiosa e criativa do que a conformidade: sou do contra demais para me conformar com qualquer coisa. Então esse projeto foi um desafio: fotografar algo sem olhos, sem boca e sem rosto, mas que ao mesmo tempo falasse de identidade, sobre enxergar o passado erguido no presente. Ao falar de uma Campo Grande que nunca existiu, de uma cidade imersa em um eterno quase, eu também como ao olhar em um espelho, afinal de tudo, sou campo-grandense, entraria em contato com uma parte de mim que eu também só fiz promessas.

Não há nada nesse mundo que se faça sozinho e por isso reitero a seção dos agradecimentos desse projeto. Agradeço também a banca de defesa por incentivar a continuidade do projeto, porém não há projeção da retomada dele no momento.

Fico satisfeita com o resultado da exposição fotográfica pois me mudou, me repartiu e me afetou. E acredito que esse é o potencial artístico das criações feitas com sinceridade: dividir a gente em eternos antes e depois. Nesses rascunhos de luz e sombra, junto ao concreto de mais de 25 anos, encontramos ruínas, escadas que não levam a lugar nenhum, poças de água da chuva (já que não há teto) e cobranças escritas na parede da obra abandonada. A única cor é a do céu que acaba refletindo o verde da grama seca que invade o terreno que nunca foi de ninguém, e ao mesmo tempo, foi de todos os dispostos a nele entrar.

Que diferente da cidadezinha, nunca falte sonho e desejo!



6. ANEXOS – FOTOS DA EXPOSIÇÃO

6.1 Flagrante

O flagrante do gesto: o corpo que se impõe à ruína como uma tentativa de inscrever, na parede dura, um desejo de existência.





6.2 SLV TOX

Entre sombras e paredes, jovens procuram sentidos em janelas fechadas, enquanto a cidade permanece surda às suas perguntas.





6.3 Cadê o dinheiro gasto aqui?

Corpos dispersos na arquitetura do abandono perguntam em silêncio: para onde vai o que se perde aqui?





6.4 Queria te dizer que a luz encontra tudo

A luz encontra seus caminhos. Revela silêncios, corpos e histórias. Há vida e promessas nas sombras.





6.5 Você sabe que a luz e o som encontram todos os lugares?

Melodias invisíveis. Fazem vibrar a matéria. Escutemo-las.





6.6 Teclado abandonado entre entulhos

O silêncio como promessa interrompida. O silêncio como notas de uma sinfonia nunca tocada. Aqui, uma vez, quase houve música. Quase houve vida. Quase houve futuro. Uma quase Campo Grande.





6.7 Entre janelas reais e sonhos grafados, a lenda persiste: o futuro permanece inscrito nas paredes como uma eterna promessa.





6.8 Entre janelas reais e sonhos grafados, a lenda persiste: o futuro permanece inscrito nas paredes como uma eterna promessa.





6.9 O rastro do trator

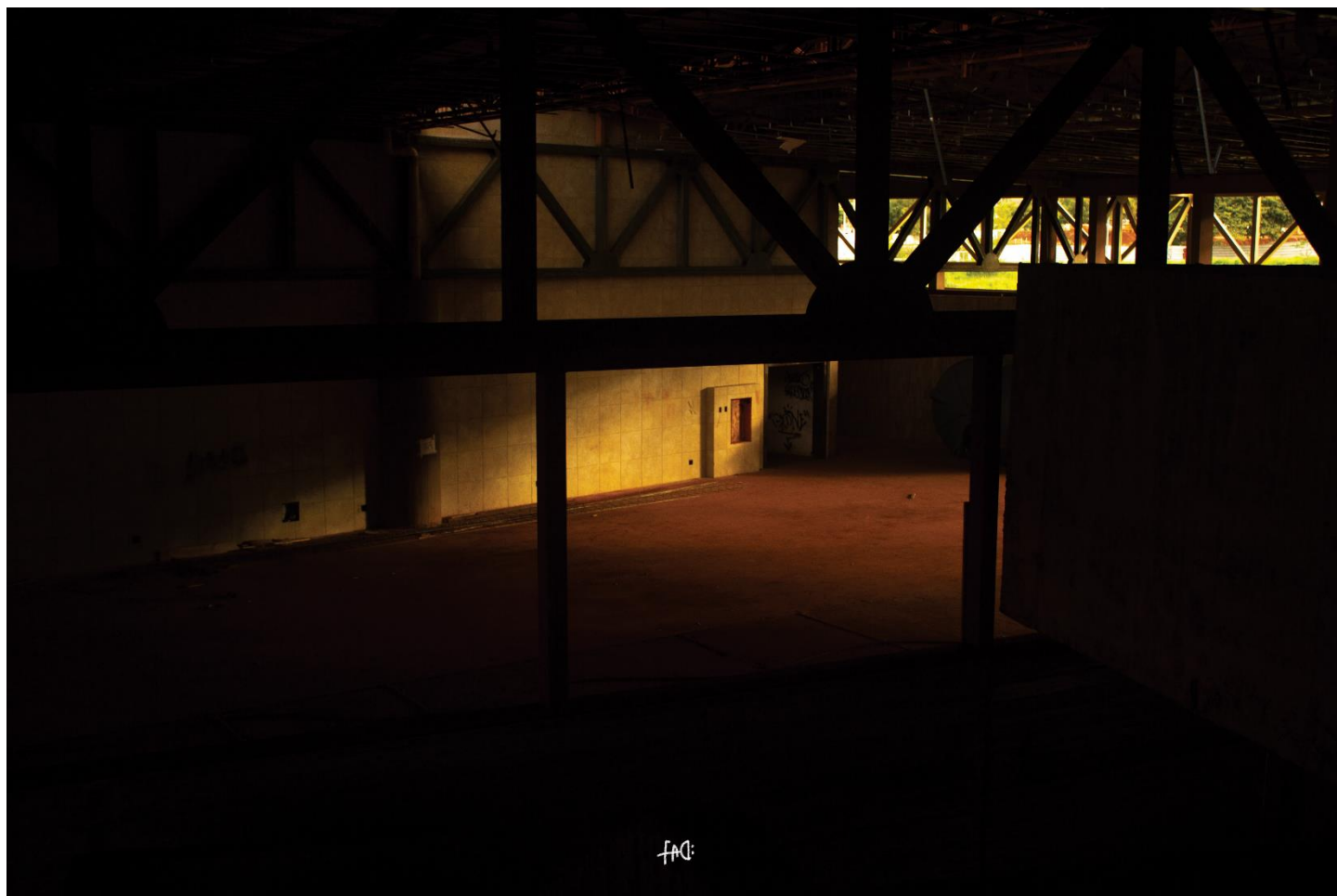
Um caminho aberto à força. A natureza o retoma em silêncio.





6.10 Espaço escuro com luz incidental

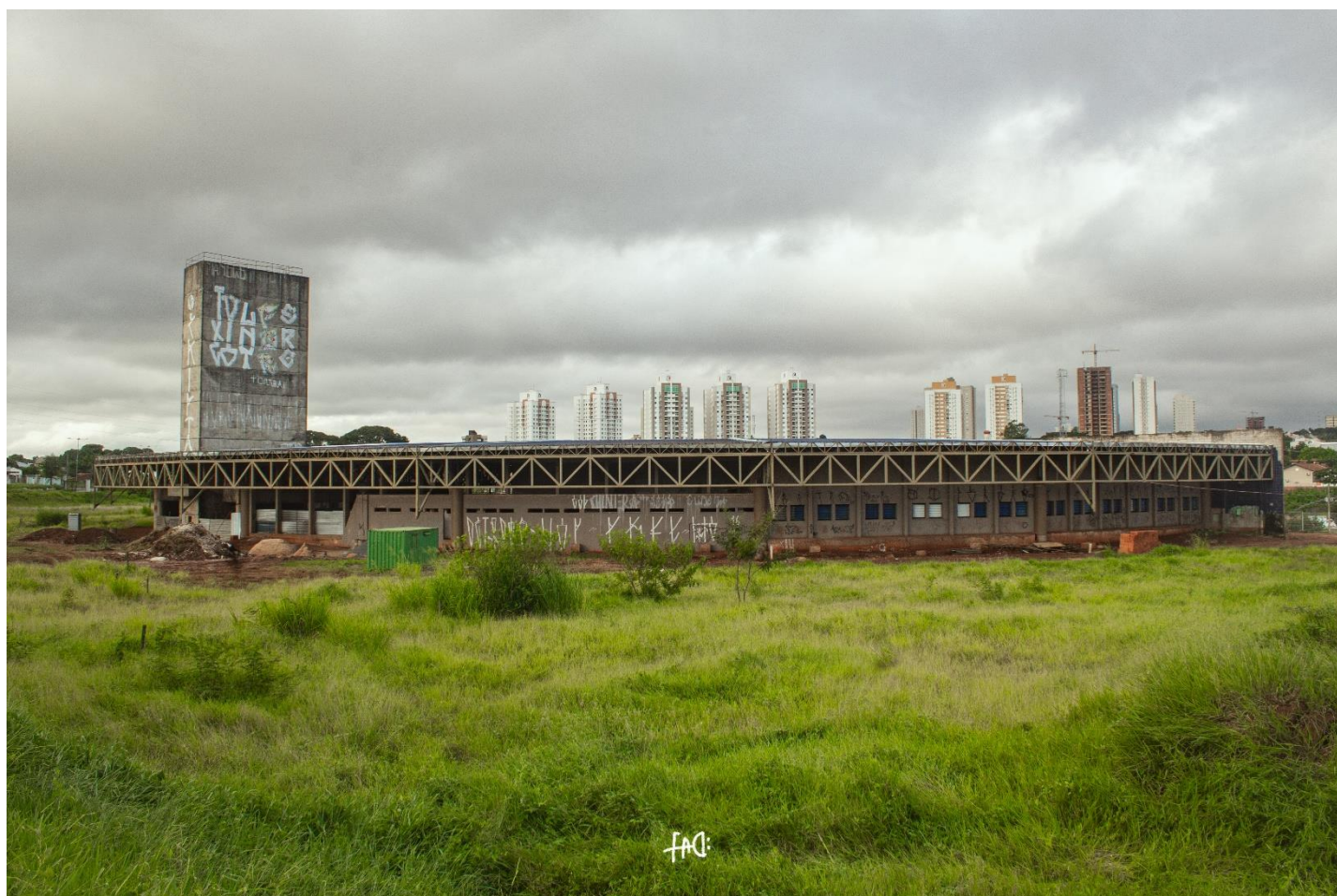
Abraçar o que resiste sob o Sol que insiste em cair — o tempo todo, dentro e fora de nós.





6.11 Visão panorâmica externa das ruínas do museu

Um monumento à desistência. Um navio encalhado no oceano verde do esquecimento. Uma cidade ergue-se para o alto in diferente ao naufrágio.





- 6.12 O horizonte distante testemunha ciclos interrompidos, sonhos repetidos, renovações que se esgotam antes de começar. "De novo e de novo", diz a cidade em seu eterno retorno.





6.13 Retroescavadeira diante da estrutura semiacabada

Um trabalho que permanece por fazer, eternamente suspenso. Como se alguém, em algum momento, tivesse decidido deixar tudo assim, exatamente assim, parado no limiar entre ser e não ser.





6.14 Escada com vultos borrados em longa exposição

Fantasma de futuros perdidos, percorrendo caminhos que jamais existiram. O subir e o descer das almas do que poderia ter sido. O horizonte se apaga lentamente diante de nós.





6.15 A luz entra em todos os lugares, fabi!
Em uma quase Campo Grande: ruína é luz.





6. 16 Ela encontra tudo o tempo todo.

A luz invade timidamente, como um sussurro. O vazio que a recebe guarda ecos de um tempo imaginado: corredores habitados por passos apressados, paredes cobertas de quadros, olhares que nunca chegaram.





7. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Carlos Drummond. **Alguma Poesia**. Editora Record, 1930.
- TEIXEIRA, Rodrigo. **Rodoviária vai virar espaço para a cultura**. Matula Cultura, 2008. Disponível em <https://matulacultural.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/11/pag17b_novo-centro-cultural.jpg>Acesso: 20 jun.2025.
- CAMPOS, Haroldo de. **Poesia 1949-1979**. São Paulo: Ática, 1980.
- VALÉRY, Paul. **Eupalinos ou O Arquiteto**. Tradução de Olga Reggiani. Edição bilingue francês/ português. Rio de Janeiro: Ed.34, 1996.
- MARCOS, Ângelo (org.). MARAGNO, Gogliardo. SOBRAL, Mário. **Arquitetura em Campo Grande**. Campo Grande, MS. UNIDERP, 1999.
- BERNARDET, Jean Claude. **Brasil em Tempo de Cinema**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.
- MARTIN, Marcel. **A Linguagem Cinematográfica**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1990.
- CARROLL, Henry, **Fotógrafos sobre a fotografia: Olhe, pense e tire fotos como os mestres**. Ed: São Paulo, Gustavo Gili, 2018.
- ANDREW, J. Dudley. **As principais teorias do cinema: uma introdução**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1989. 221p.
- PINHEIRO, Marinete. FISCHER, Neide. **Salas de sonhos: história dos cinemas de Campo Grande**. Campo Grande, MS. Ed: UFMS, 2008.
- MOURA, Edgar. **da Cor**, Balneário Camboriú, iPhoto Editora, 2016.
- EPSTEIN, Jean. O cinema e as letras modernas. In: XAVIER, Ismail (Org). **A experiência do cinema**. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1991. p. 269-275.
- RAMOS, Fernão. **História do cinema brasileiro**. São Paulo: Art Editora, 1990. 2ed. 555p.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. 95 p.
- BARROS, Manoel de. **Memórias Inventadas: A Infância**. São Paulo: Planeta, 2003